

ALICE RIBEIRO DIONIZIO

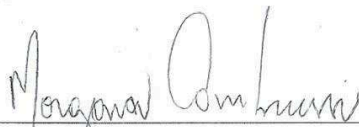
**A (NÃO)IDENTIFICAÇÃO DE AMBIGUIDADE EM SENTENÇAS
ESTRUTURALMENTE AMBÍGUAS: UMA ANÁLISE DA POSSÍVEL INFLUÊNCIA
DA ATIVAÇÃO DE *FRAMES***

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Prof.^a Dra. Morgana Fabiola Cambrussi

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
11/10/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Morgana Fabiola Cambrussi



Prof.^a Dra. Ani Carla Marchesan



Prof.^a Dra. Mirian Santos de Cerqueira

A (não)identificação de ambiguidade em sentenças relativas estruturalmente ambíguas: uma análise da possível influência da ativação de frames¹

Alice Ribeiro Dionizio²

alicedionizio@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho discute o processo interpretativo e de identificação, ou não, de ambiguidade em sentenças estruturalmente ambíguas à luz da Semântica de Frames. Dessa forma, o referencial teórico que nos auxiliou se relaciona à Linguística Cognitiva, mais especificamente à Semântica de Frames, teorizada inicialmente por Fillmore (1982, 1985), além de nomes importantes na subárea da Psicolinguística, intitulada Processamento de Sentenças, e de autores que dedicam seus esforços às problematizações relacionadas aos mecanismos de relativização no português brasileiro. Um de nossos objetivos com a construção deste trabalho é o de descrever e analisar o processo interpretativo de sentenças que foram utilizadas em uma pesquisa prévia, além de construir escalas de ambiguidade a partir das análises dessas sentenças. A metodologia que foi empregada para a realização deste trabalho leva em consideração, inicialmente, os métodos aplicados nas sentenças analisadas, uma vez que se trata da aplicação de um experimento, bem como a construção de nossas análises e das escalas subsequentes. Os resultados apontam para uma não identificação de ambiguidade pelos falantes, ainda que tenham sido julgadas sentenças estruturalmente ambíguas. Tal situação pode ser entendida como resultado de uma evocação de *frames* a partir de formas linguísticas específicas, como verbos, substantivos, ou ainda do próprio interpretante. Nos dois casos, no entanto, consideramos que há interferência dos processos de conceptualização e de categorização abordados pela Linguística Cognitiva. Além disso, a Semântica de Frames considera que os processos interpretativos, sejam eles na ordem da fala ou da escrita, são carregados de julgamentos que envolvem as situações experienciadas por aquele que interpreta, o que nos ajuda a entender também essa não identificação de ambiguidade, uma vez que as situações socioculturais vivenciadas pelos participantes podem ter os induzido a interpretações específicas.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiguidade Estrutural; Semântica de Frames; Interpretação de Sentenças Relativas Ambíguas.

Introdução

Este artigo é resultado dos desdobramentos verificáveis a partir de uma pesquisa prévia³ já concluída. No entanto, as análises se diferem, haja vista que aqui temos como objetivo a problematização do processo de desambiguação de sentenças relativas ambíguas por parte dos informantes, utilizando para isso um referencial teórico distinto. Para tanto, buscaremos descrever

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profa. Dra. Morgana Fabiola Cambrussi.

² Acadêmica da 8ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

³ A pesquisa prévia a qual nos referimos trata-se de um projeto de iniciação científica intitulado “Processamento de Sentenças Relativas Ambíguas no PB”, iniciado no ano de 2015 e concluído no ano de 2016, que buscou analisar o processamento de sentenças estruturalmente ambíguas por nativos do português brasileiro, além de verificar a influência de aspectos semânticos envolvidos no processo. Para tanto, aplicou-se um questionário de julgamento constituído por sentenças desse tipo, culminando em resultados quantitativos das interpretações dadas pelos participantes. Neste trabalho, em estudo distinto, utilizaremos um recorte dessas sentenças e seus resultados para a constituição do *corpus*.

e apresentar os indícios de ativação de *frames*, que podem ter resultado em uma (não)identificação de ambiguidade nas sentenças apresentadas no questionário de julgamento (doravante QJ). Além disso, temos como um de nossos objetivos a construção de escalas de ambiguidade, com base em seis sentenças utilizadas no QJ e analisadas a partir de pares comparativos, além da própria descrição e análise do processo interpretativo dessas sentenças. Para a análise e construção dessas escalas, faz-se necessário recorrermos à Semântica de Frames (FILLMORE, 1982).

O problema que norteia nossa pesquisa pode ser compreendido a partir da seguinte pergunta: É possível estabelecer uma relação entre o processo de (não)identificação de ambiguidade em sentenças relativas estruturalmente ambíguas e a ativação de *frames* no português brasileiro (PB)? Assim sendo, as hipóteses que seguem essa formulação podem assim serem resumidas:

- (a) ainda que estruturalmente ambíguas, muitas das sentenças utilizadas no QJ podem não terem sido interpretadas como verdadeiramente ambíguas por parte dos informantes, a julgar pela expressiva porcentagem de escolha por determinados antecedentes;
- (b) essa (não)identificação da ambiguidade pode ter sido motivada pela ativação de *frames*;
- (c) seria possível perceber escalas gradativas de ambiguidade entre as sentenças, considerando os índices de julgamento apresentado pelos falantes.

O referencial teórico que nos auxiliará na efetivação desta pesquisa tem como base os estudos de Fillmore (1982, 1985), sobre a Semântica de Frames, e está composto também por autores que se dedicam a compreender os fenômenos envolvidos no processamento de sentenças ambíguas – como Cuetos e Mitchell (1988) – e no que refere ao PB, Ribeiro (2005) e Finger e Zimmer (2005). Além desses, recorremos a estudiosos que dedicaram e dedicam seus esforços para descrever os processos de relativização no PB, como Tarallo (1983), Kato (1993), Kato e Nunes (2007, 2014), entre outros.

Como já dissemos, o objeto de nosso estudo é constituído de sentenças estruturalmente ambíguas, a exemplo de (1):

- (1) Alguém atirou contra a empregada da atriz [que estava na varanda]⁴

4 Sentença canônica nos estudos de processamento de sentenças, utilizada inicialmente por Cuetos e Mitchell (1988) e reaplicada por Ribeiro (2005) em estudos relativos ao PB.

A sentença relativa encaixada destacada, introduzida pelo pronome relativo *que*⁵, pode estabelecer correferência com um dos dois elementos possíveis da sentença matriz, do que resulta a ambiguidade estrutural: (i) a empregada da atriz estava na varanda ou (ii) a atriz estava na varanda.

O processo de interpretação de sentenças relativas ambíguas foi, e ainda é, uma das preocupações mais latentes da subárea de Processamento de Sentenças dentro da Psicolinguística. No entanto, ainda há presença de lacunas nessas investigações, como a identificação de quais componentes semânticos poderiam interferir nesse processamento. Nesse sentido, buscaremos problematizar os processos interpretativos em relação a esse tipo de sentença – sob o viés da Semântica de Frames –, pois, mesmo diante de sentenças que apresentam uma estrutura característica de relativas ambíguas, a maior parte dos sujeitos pesquisados parece não as ter interpretado desse modo, a julgar pelos altos índices percentuais de preferência por determinado antecedente em favor da desambiguação.

Desse modo, a Semântica de Frames (doravante SF) nos ajudará a compreender esse fenômeno, sendo que essa área de estudo possui relevância no cenário dos estudos linguísticos por ser um desdobramento da Linguística Cognitiva (doravante LC), mais especificamente da Semântica Cognitiva (doravante SC). Quando pensamos em SC, a proposta é que analisemos os fenômenos semânticos da linguagem que, segundo Fillmore (1982), estão diretamente relacionados a aspectos socioculturais. A proposta da SF, nesse sentido, é a de que, em sua memória, a longo prazo, os falantes armazenam um sistema organizado de conhecimento resultante de experiências corpóreas, ou seja, os *frames* (FERRARI, 2014, p.50). Por essas razões, este trabalho tenciona apresentar análises a partir dessas interpretações, recorrendo às possíveis evocações de *frames* semânticos.

2 A Semântica de Frames

A SF oferece uma nova possibilidade de conceber os significados linguísticos, bem como apresenta um novo caminho possível para os princípios envolvidos na construção de categorias por determinada comunidade. Um conceito importantíssimo para essa teoria é o de *frame*, que, segundo Fillmore (1982), trata-se de um sistema de conceitos relacionáveis, no qual a compreensão total de um conceito é resultado de entendimentos intermediários. Ou seja, quando se trata de *frame*, a

⁵ Sabemos, contudo, que essa denominação não é consenso para todos os autores da área de sintaxe, uma vez que alguns preferem se referir a ele como “complementizador”, como é o caso de Caponigro (2003).

compreensão de um conceito é resultado da compreensão dos conceitos a ele relacionados, por se tratar de um sistema de categorias estruturadas de acordo com alguma motivação contextual (FILLMORE, 1982, p. 119).

No que se refere à localização dessa área de estudo, podemos concebê-la como uma subárea da LC, além de estar diretamente relacionada à SC com seus protótipos, já que determinada categoria aciona certos conceitos mais ou menos prototípicos, sofrendo influência de aspectos sociais e culturais. Um exemplo disso é tratado por Fillmore (1982) quando apresenta a categoria “café de manhã”. Entende-se por café da manhã – em uma cultura ocidental como a nossa – a primeira refeição depois de acordar, considerando um grupo ideal de três refeições ao dia. Desse modo, não parece ser um critério indispensável um horário específico do primeiro período do dia para caracterizar esse conceito, pois a pessoa pode acordar às três da tarde e definir sua refeição como “café da manhã”. Portanto, o que faz o “café da manhã” ser considerado como é não está em suas características intrínsecas, mas sim na maneira como uma comunidade de falantes o concebe – primeira refeição do dia.

No que diz respeito ao “encadeamento” e à “sequencialidade” da interpretação dos conceitos, Fillmore (1985, p.224) os exemplifica com o *frame* relacionado ao conceito de “dias da semana”, ou ainda, “final de semana”, pois, nesse caso, faz-se necessário considerar outros conceitos a ele relacionados. Para tanto, podemos recorrer à interpretação desse *frame* em, no mínimo, quatro níveis: (a) conhecer o círculo natural do sol; (b) compreender que quando um dia termina, outro inicia; (c) assumir que a semana possui sete dias; (d) compreender que a utilização desse círculo de dias provém também da cultura do “trabalho” e do “não-trabalho”.

Sampaio (2010, p. 43) descreve os *frames* como “ [...] representações esquemáticas das estruturas conceptuais e dos padrões de crenças, práticas, intuições etc., que fornecem as bases de conhecimento comuns de uma dada comunidade de fala [...]”, definição que corrobora nossas hipóteses iniciais da possível influência da ativação de *frames* na desambiguação de sentenças relativas estruturalmente ambíguas. Além disso, a autora apresenta o conceito de EFs (elemento de *frame*), uma proposta utilizada pela FrameNet⁶ e teorizada por Fillmore, Johnson e Petruck (2003).

⁶ A FrameNet, nas palavras de Sampaio (2010, p.43), “[...] é um projeto lexicográfico computacional, coordenado por Charles J. Fillmore e Collin F. Baker, [...] que identifica e descreve *frames* semânticos. Esse projeto [...] tem como produto final um site que possibilita uma pesquisa eletrônica baseada nesses *frames*.”

Nesses termos, Sampaio (2010) define que os EFs podem ser divididos, primeiramente, em *centrais e não-centrais*. Um EF central é aquele que possui um componente indispensável ao *frame*. Por outro lado, os EFs não-centrais possuem também uma divisão própria, como explicitado a seguir:

Os EFs considerados não-centrais podem ser periféricos ou extra-temáticos. Os elementos periféricos são aqueles que marcam noções como Tempo, Espaço, Modo, Grau, etc. Eles podem ser instanciados em qualquer *frame* semanticamente apropriado, mas são interpretados diferentemente em cada um, pois sua interpretação varia de acordo com as especificidades semânticas de cada *frame*. Já os EFs extra-temáticos podem introduzir esquemas ou eventos adicionais, independentes ou distintos do evento principal que está sendo descrito pelo *frame*; podendo, ainda, evocar um *frame* mais abrangente, no qual o evento descrito esteja inserido. (SAMPAIO, 2010, p. 45-46)

Além das características acima descritas, é importante que se diga que os elementos extra-temáticos não dependem de um *frame* particular. Ou seja, esses elementos podem estar relacionados à causa, resultado, razão etc. Essas definições, que dizem respeito aos EFs, serão muito úteis na construção das análises posteriores, relacionando os EFs aos eventos evocados pelos *frames*.

Dito isso, é fácil entendermos um pressuposto bastante conhecido na LC que diz respeito à conceptualização: “Toda unidade linguística evoca um *frame* semântico, que é em última instância a forma como conceitualizamos [...]” (LENZ, 2013, p.40), ou seja, a maneira de atribuímos sentidos às estruturas lexicais passa, necessariamente, pela evocação dos *frames*.

Aliada a essas ponderações feitas acerca da conceptualização, a LC – e de certa forma a SF – “[...] concebe o *significado* como construção mental, em um movimento contínuo de *categorização* e de *recategorização* do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais.” (FERRARI, 2014, p. 15, grifo nosso). E esse processo de categorização, mais uma vez, está relacionado aos conceitos de protótipos e de *frames*, uma vez que todos – conceptualização, categorização, eleição de protótipos, construção de significado a partir de *frames* – estão subordinados à própria cognição que, nas palavras de Varela *et al* (1997, p. 202) é “acción corporizada⁷”.

Para exemplificar esse processo sociocognitivo de construção do significado, considere-se uma sequência de sentenças com os verbos *aprender*, *ensinar* e *lecionar*:

⁷ Mais informações sobre a experiência humana e as ciências cognitivas, ver Varela, Thompson e Rosch (1997).

(2)

- a. João *aprendeu* as equações de segundo grau (com seu professor);
- b. O professor *ensinou* as equações de segundo grau (a João);
- c. O professor aposentado não *leciona* mais (a disciplina de matemática) para a turma de João.

Segundo Fillmore (1982), uma sequência como essa pode evocar um *frame* – o exemplo tratado pelo autor é com outros verbos que culminam no EVENTO COMERCIAL –, que poderíamos caracterizar como um EVENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. Nesses termos, para a real atribuição de significados a essas sentenças, a partir da ativação de *frames*, é necessário que estejamos incluídos em uma sociedade na qual o ato de aprender e de ensinar aconteça, muitas vezes, no ambiente escolar, no qual o conhecimento seja dividido em áreas do saber (como a matemática), e que, pelo menos, dois agentes participem desse processo (aluno e professor). Além disso, é interessante perceber as relações estabelecidas entre os participantes desse evento (professor, aluno, disciplina e equações de segundo grau), demonstradas na Figura 1.

Figura 1 – Relações entre os participantes do EVENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM



Fonte: a autora, 2016.

Outra contribuição importante de Fillmore (1985) diz respeito à interpretação. Para o autor, a maneira de conceber a interpretação dos falantes era utilizada como ferramenta para avaliar os

alunos, o que repercutia em uma redução de possibilidades, já que apenas o *certo* e o *errado* eram considerados.

Na tradição do campo léxico – sec. XX –, o conjunto de rótulos utilizado na Alemanha, no começo deste século, para avaliar o desempenho de alunos nas escolas, é um típico exemplo de que a interpretação de palavras depende de um conhecimento anterior estruturado, quando o propósito claramente é o de que o valor da interpretação de um termo em particular depende da lista completa de itens disponíveis e da posição de tal termo nesta série. (FILLMORE, 1985, p. 226)⁸

O desvio de interpretação, geralmente uma fuga dessas listas preestabelecidas, era visto como um erro, considerando o contexto de ensino e de aprendizagem no qual essas avaliações eram feitas. Fillmore, no entanto, defende que o que pode acontecer é uma não-adequação no emprego de determinados termos em contextos específicos, já que as línguas permitem que criemos certas linguagens especializadas que atribuem a termos conhecidos outros sentidos. Dessa forma, ainda que conheçamos determinada palavra, se o contexto de uso for diferente daquele a que estamos acostumados, pode ser que haja um problema de interpretação. Nesse caso, segundo o autor, não se trata de um problema interpretativo em relação à palavra, mas sim ao *frame* atribuído a determinado contexto.

Nesse sentido, outro fenômeno importante, e que a SF nos ajuda a compreender, é o de polissemia. Fillmore (1982) a considera como um fenômeno resultado da evocação de diferentes *frames*. “Para muitos casos de polissemia, é possível dizer que um determinado item lexical se encaixa corretamente em qualquer um dos dois *frames* cognitivos diferentes.” (FILLMORE, 1982, p. 124)⁹.

Um exemplo disso pode ser explicitado com o conceito de “letra”. Temos, no mínimo, dois *frames* acionados nesse caso: (i) em um contexto escolar e de alfabetização – a letra pode ser a do alfabeto ou a caligrafia do aluno/professor; (ii) em um contexto musical, letra é parte escrita que compõe a canção. Ou seja, se o termo estiver relacionado com mais de um significado,

⁸ Tradução livre, no original: “Within the lexical field tradition, the parade example of words interpretation depends on structured background knowledge is the set of labels used in Germany in the first half of this century for evaluating students' performances in school, the point being, of course, that the value or interpretation of a particular term depends on the full list terms available and the stipulated position of the given term in its series.” (FILLMORE, 1985, p. 226)

⁹ Tradução livre, no original: “For many instances of polysemy it is possible to say that a given lexical item properly fits in two different cognitive frames” (FILLMORE, 1982, p. 124)

considerando para isso os aspectos culturais de determinado grupo, e isso resultar na postulação de *frames* cognitivos distintos, o termo será polissêmico.

Diante disso, este trabalho propõe um caminho de análise que engloba as principais ponderações da SF no que diz respeito ao processo interpretativo, aplicando-as em um contexto mais específico: interpretação de sentenças relativas estruturalmente ambíguas. A seguir apresentamos algumas postulações acerca desse tipo de sentença e as implicações imbricadas em seu processamento.

3 Implicações sintáticas: o processo de relativização no PB, sentenças relativas e processo de desambiguação de sentenças relativas ambíguas

3.1 As sentenças relativas e os mecanismos de relativização

Segundo Oliveira (2008), podemos caracterizar uma estrutura relativa como uma sentença encaixada que estabelece uma relação de correferência com um núcleo nominal, elemento compartilhado com a sentença matriz, sendo que essa relação pode ser com o núcleo nominal preenchido, casos em que as sentenças encaixadas são chamadas *relativas com núcleo*, ou pode ser sem um núcleo dessa natureza, no caso das chamadas *relativas livres*. Além disso, essas sentenças são introduzidas por pronomes relativos, ou ainda por uma preposição e um pronome relativo, e é ele que estabelece a correferência com a sentença matriz, no caso das relativas com núcleo.

Nesses termos, a sentença encaixada, exemplo (3a), é considerada uma relativa com núcleo nominal preenchido (relativa com núcleo), enquanto a sentença (3b) é exemplo de uma relativa livre.

(3)

- a. Conheço o autor [que ganhou o Nobel de Literatura].
- b. Conheço [quem ganhou o Nobel de Literatura]¹⁰.

No caso de (3a), o núcleo nominal *autor* é retomado pelo pronome relativo *que*, estabelecendo uma relação de correferência entre a sentença matriz e a encaixada. Por outro lado, a sentença (3b) não possui um núcleo nominal antecedente, o que impossibilita o estabelecimento

¹⁰ Como nosso *corpus* é composto exclusivamente por sentenças com núcleo, as discussões que seguirão terão por base esse tipo de sentença. No entanto, para uma visão aprofundada sobre as sentenças relativas livres, recomendamos a leitura da tese de doutoramento de Marchesan (2012).

desse tipo de relação. Tal impossibilidade, segundo Marchesan (2012, p.26), repercute em uma especificação do pronome relativo da sentença encaixada, ou seja, nas relativas livres há um número reduzido de pronomes que podem introduzi-las, sendo que esses sempre serão pronomes especificados, pois incorporam alguns traços semânticos do que seria o núcleo nominal de uma relativa. Exemplos desses pronomes são: *quem, o que, quanto, quando, onde e como*.

Os processos de relativização das línguas naturais tiveram, e têm, na Gramática Gerativa (GG) grande importância. Como resultado, existem no mínimo dois modelos que devem ser considerados quanto à tentativa de entender e de descrever a relativização nas línguas, o Modelo Tradicional (*Standard Theory*) e o modelo de Alçamento (*Raising Theory*). Em linhas gerais, o Modelo Tradicional tem como base os estudos de Ross (1967) e foi consolidado a partir dos estudos de Chomsky (1977), dos quais resulta a postulação da proposta de *wh-movement*. No que diz respeito ao Modelo de Alçamento, surgiu com os estudos de Brame (1968), mas graças ao grande sucesso da análise *wh-movement* foi praticamente esquecido até o início da década de 90 (KENEDY, 2002).

Os estudos sobre os mecanismos de relativização no português brasileiro têm na classificação proposta por Tarallo (1983) um eixo central, a partir do qual se busca compreender outros aspectos, como a tentativa de análise das relativas com núcleo a partir de um mesmo modelo sintático. Nesses termos, nomes como Kato (1993), Nunes e Kato (2007, 20014) e outros autores contemporâneos são muito importantes no estudo dos mecanismos de relativização e das sentenças relativas no PB.

No que diz respeito à classificação proposta por Tarallo (1983), o autor propõe que “[...] o sistema de relativização no PB consiste em três diferentes tipos e dois diferentes processos: um processo padrão [...], e um processo não-padrão [...]”¹¹ (TARALLO, 1983, p.48). Nesses termos, a classificação feita pelo autor pode ser descrita como: padrão, não-padrão resumptiva e não-padrão cortadora. A seguir discutimos alguns exemplos apresentados pelo próprio Tarallo (1983, p. 73-75) para demonstrar a classificação:

(4)

a. Mas ela tinha um primeiro namorado, [de que(m) ela gostava pra caramba].
relativa padrão - *pied-piping*

¹¹ Tradução livre, no original: “[...] the relativization system in BP consists of three different types and two different process: a standard movement process, and a non-standard deletion process.” (TARALLO, 1983, p.48)

b. Mas ela tinha um primeiro namorado, [que ela gostava dele pra caramba].
relativa não-padrão resumptiva - *resumptive pronouns*

c. Mas ela tinha um primeiro namorado, [que ela gostava pra caramba].
relativa não-padrão cortadora - *PP-chopping*

Essa classificação feita pelo autor tornou-se referência e, segundo Kenedy (2002), o estudo de Kato (1993), também basilar na abordagem do fenômeno, ajudou a configurar essa classificação como regular na literatura sobre os mecanismos de relativização no PB. No entanto, Kenedy propõe uma revisão dessa classificação tripartida e, para isso, busca contemplar o sintagma sobre o qual recai a relativização. Dessa forma, o autor divide as sentenças em dois grupos, a saber:

Caso o DP seja o sintagma alvo, há a possibilidade de relativização pelas estratégias padrão e resumptiva:

(5)¹²

a. relativa padrão DP
Ele é o homem [que eu vi Ø]

b. relativa resumptiva DP
Ele é o homem_i [que eu vi ele_i]

Por outro lado, se o alvo é um PP, as estratégias podem ser a padrão (*pied-piping*), resumptiva e cortadora.

(6)

a. relativa padrão PP
Ele é o homem [com quem eu falei Ø]

b. relativa resumptiva PP
Ele é o homem_i [que eu falei com ele_i]

*c. relativa cortadora
Ele é o homem [que eu falei com Ø]

Feita essa apresentação sobre a classificação das sentenças relativas, apresentamos, na subseção que segue, algumas considerações relacionadas mais estritamente às sentenças relativas com núcleo, pois são elas que compõem nosso objeto de estudo.

¹² Os exemplos contidos em (5) e (6) foram adaptados dos propostos por Kenedy (2002).

3.1.1 As sentenças relativas com núcleo (SRN)

Como já mencionamos anteriormente, as sentenças relativas são sentenças encaixadas a uma sentença matriz, associadas a esta por uma relação de correferência. Nas palavras de Ribeiro e Figueiredo (2009, p.211) “Identifica-se como relativa uma sentença subordinada que modifica um nome ou um sintagma nominal na sentença matriz a que está associada.”. Diante do exposto, é necessário que pensemos mais estritamente nas características das relativas que são o objeto de nosso estudo: as sentenças relativas com núcleo, ou como são chamadas por Ribeiro e Figueiredo (2009), *com cabeça*.

Vries (2002), citado por Marchesan (2012), define as sentenças relativas com núcleo (doravante SRN), como sentenças encaixadas que estão ligadas à sentença matriz através do núcleo nominal, ou seja, “[...] o núcleo nominal é o constituinte semanticamente compartilhado pela sentença matriz e a sentença encaixada” (MARCHESAN, 2012, p.22). Em resumo, podemos pensar nas SRN como aquelas que possuem um núcleo nominal antecedente.

(7) Esta tarde vi o *médico da menina* [que atende a domicílio].

Em (7) temos uma SRN estruturalmente ambígua, pois há dois antecedentes “concorrentes” a núcleo nominal: *médico da menina* e *menina*. A sentença relativa [que atende a domicílio] é uma relativa restritiva na qual o pronome relativo *que* ocupa a função sintática de sujeito. E o problema paira justamente aí, pois, nessa estrutura, não fica claro a que antecedente o pronome se refere – *menina* ou *médico da menina*.

Tarallo (1983) aborda uma característica das SRN que diz respeito à necessidade de adjacência entre o núcleo nominal e a relativa, ou seja, não é possível que haja mais que uma preposição entre eles. No entanto, nos casos das relativas resumptivas PP a situação é distinta: pode haver a presença de um *material interveniente*. Por isso, a fim de facilitar as discussões, reduziremos o núcleo nominal do tipo *médico da menina* e trataremos apenas de *médico*, mas isso não significa dizer que apenas *médico* seja o núcleo nominal, pois assim *da menina* seria um material interveniente entre o núcleo nominal e a relativa, o que, segundo a literatura sobre o tema, não é possível, salvo as sentenças relativas resumptivas PP.

As sentenças que compõem nosso *corpus* são da mesma natureza da contida em (7), sendo ela mesma parte dos dados de análise, como apresentaremos adiante. Portanto, nosso objeto de estudo é constituído de SRN que integrem uma sentença matriz em um contexto sintático em que haja dois possíveis núcleos nominais antecedentes, o que caracteriza a ambiguidade estrutural.

3.2 O processamento de sentenças relativas complexas e ambíguas

Esta pesquisa investiga o processo de interpretação de SRN ambíguas, divididas em longas e curtas, segundo critério de Lourenço-Gomes, Maia e Moraes (2005, p.133), que define uma sentença longa como aquela com duas ou mais palavras depois do pronome relativo, enquanto as curtas são aquelas terminadas com o verbo depois do pronome. A seguir apresentamos um exemplo de sentença longa utilizada no experimento:

(8) Esta tarde vi a paciente do médico [que atende a domicílio].

SN1 SN2

A ambiguidade desse tipo de sentença é constituída a partir da dupla possibilidade de correferência, ou seja, tanto *paciente* (SN1) quanto *médico* (SN2) podem ser considerados como sujeitos da sentença encaixada. Segundo a classificação de Lourenço-Gomes, Maia e Moraes (2005), trata-se de uma sentença longa porque, depois do verbo da encaixada, há um adjunto que indica, cumulativamente, local e modo de atendimento.

Quando o assunto é processamento de sentenças ambíguas, há sempre de se considerar os estudos de Cuetos e Mitchell (1988). Ainda que nosso objetivo não seja o de problematizar o processamento dessas sentenças, não há como fugir de alguns pressupostos. Quando realizaram sua pesquisa, os autores supracitados o fizeram com sentenças como as que apresentamos a seguir:

(9)

- a. Someone shot the mad of the actress who was on the balcony.
- b. Alguien disparó contra la criada de la actriz que estaba en el balcón.
- c. Alguém atirou contra a empregada da atriz que estava na varanda.”

A pesquisa realizada pelos estudiosos foi de caráter comparativo e buscava-se compreender se o processamento ocorreria da mesma forma nas diferentes línguas – nesse caso inglês e espanhol.

Essas sentenças contidas em (9) são consideradas canônicas quando o assunto é o processamento de sentenças ambíguas. Aliás, a ambiguidade está na presença de dois antecedentes candidatos a sujeito da encaixada. No caso do inglês: SN1 [the mad] e SN2 [the actress]; enquanto no espanhol: SN1 [la criada] e SN2 [la actriz].

Estudos como esse também foram realizados no PB. Desses, destacamos Ribeiro (2005) e Finger e Zimmer (2005). Em relação ao primeiro, trata-se de um experimento constituído pelas sentenças aplicadas pelos pesquisadores Cuetos e Mitchell (1988) e que foram traduzidas para o PB pelo autor. Este tinha o objetivo de verificar se o PB se assemelhava mais ao inglês ou ao espanhol quanto à forma de processamento de sentenças relativas, e chegou à conclusão de que no PB não havia uma prevalência de *Late Closure*, ou melhor, pelo sintagma mais baixo, e sim pelo mais alto, *Early Closure*. Quanto ao segundo, Finger e Zimmer (2005) realizaram um experimento para verificar se o tamanho da sentença, bem como a prosódia implícita, influenciaria no processamento. Diante disso, verificaram uma preferência pelo SN1 nas sentenças mais longas, enquanto nas curtas, pelo SN2. Além disso, o estudo dessas autoras aponta para a necessidade de considerar a prosódia implícita nesse processamento.

É importante assinalar que esses estudos se baseiam também nas considerações feitas por Frazier (1979) e Frazier e Rayner (1982), que resultaram na postulação da chamada Teoria de *Garden Path*, traduzida por Dillinger, em 1992, para o português brasileiro como “teoria do jardim” ou, metaforicamente, como “teoria do labirinto”. Nesses termos, essa teoria compara a sentença a um verdadeiro labirinto: o falante, ao interpretá-la, caminha por esse labirinto que é constituído por bifurcações (os antecedentes no caso das sentenças ambíguas) e, ao escolher uma das entradas e não ter suas expectativas “realizadas”, é levado de volta ao jardim, ou labirinto.

Dito isso, é importante ressaltar que as sentenças apresentadas para os participantes no QJ foram elaboradas de maneira a fazer com que entrassem em *garden path*. Para tanto, foram construídas com base na sentença canônica de Cuetos e Mitchell (1988): dois antecedentes candidatos a ocupar a posição de sujeito da segunda sentença – SN1 e SN2; um pronome *wh* – *que*; um verbo de ação na segunda sentença; e um adjunto nas sentenças longas. Dessa forma, foram elaboradas sentenças longas, curtas e todas ambíguas em sua estrutura.

A problemática que segue é: mas, no processo interpretativo, serão mesmo julgadas sentenças ambíguas? Em que grau? Essas são algumas das perguntas que tencionamos responder por meio desta pesquisa.

4 Metodologia

A metodologia aplicada a este estudo leva em consideração, primeiramente, o método utilizado para a construção e aplicação do experimento que nos ofereceu as sentenças que foram analisadas, bem como o método de análise que utilizamos, com base na SF. Nesses termos, apresentamos a seguir algumas ponderações acerca desse processo.

4.1 Pesquisa prévia – origem dos dados

A pesquisa que deu origem aos dados analisados neste trabalho intitulou-se “Processamento de Sentenças Relativas Ambíguas no PB”. Essa investigação foi desenvolvida na modalidade de iniciação científica, tendo como autores Alice Ribeiro Dionizio e Aline Peixoto Gravina (orientadora).¹³

4.1.1 Questionário aplicado

O questionário aplicado foi constituído de vinte e duas sentenças relativas, divididas em longas e curtas conforme critério já citado. Dessas, quinze eram sentenças-alvo – complexas e ambíguas – e outras sete – não-ambíguas – foram utilizadas com o objetivo de “distrair” os participantes. Essas últimas foram chamadas de sentenças-distratoras.

Além disso, as quinze sentenças-alvo foram construídas pelas pesquisadoras de modo a serem analisadas individualmente e em pares comparativos. A seguir, apresentamos dois exemplos de sentenças-alvo (10a e 10b), analisadas como um par e, em seguida, um exemplo de uma sentença-distratora (11).

(10)

- a. Amanda acenou para o povo do padre [que rezava].
- b. Matheus acenou para o povo do padre [que rezava fervorosamente na igreja].

(11) Sebastião ligou para Joana [que estava no trabalho]. [Sentença-distratora]

¹³ A conclusão do trabalho teve a tutoria institucional da professora Ani Carla Marchesan e os resultados foram expressos no relatório DIONIZIO *et al.* (2016).

As sentenças foram organizadas por Dionizio *et al.* (2016) em um questionário *online*, a partir da plataforma *google.docs*, e foram aplicadas no período de novembro a dezembro de 2015. As sentenças foram organizadas no experimento de forma que, a cada duas sentenças-alvo, aparecesse uma sentença-distratora. Os participantes foram orientados a ler as sentenças e, logo em seguida, responder as perguntas que se relacionavam a elas. No caso das sentenças em (10), a pergunta que as seguia era: “Quem rezava?”. Os participantes tinham um campo de texto reservado no qual deveriam responder à pergunta.

4.1.2 Participantes

Durante a realização da pesquisa, oitenta e dois participantes responderam ao questionário, todos nativos do português brasileiro e que relataram não ter tido contato com outra língua até os seis anos de idade. Dionizio *et al.* adotaram esse critério pelo histórico de colonização da região em que estavam inseridas – oeste catarinense – onde há uma rica diversidade de línguas vernáculas.

Quanto ao grau de instrução, havia cinquenta pessoas com o ensino médio concluído, e outras trinta e duas com ensino superior completo. Os participantes foram convidados por via eletrônica e as idades ficaram compreendidas entre dezoito e cinquenta e cinco anos.

4.2 Pares de sentenças analisados pela SF

O recorte utilizado para o desenvolvimento deste trabalho consiste em seis sentenças utilizadas no QJ, com seus respectivos dados quantitativos e estatísticos. Em posse desses dados – que correspondem quantitativamente ao julgamento dos informantes – a metodologia de análise que seguimos teve como base os estudos da Semântica de Frames, sendo que buscamos investigar se os dados encontrados correspondem a um processo de desambiguação, ou se houve uma (não)identificação desse fenômeno por parte dos participantes, haja vista que o grau de ambiguidade parece diminuir à medida que o grau de informatividade aumenta, conforme a Tabela 1.

Tabela 1- Dados estatísticos dos julgamentos apresentados no QJ

Oração	SN1 (%)	SN1 (número absoluto)	SN2 (%)	SN2 (número absoluto)	Outros (%)	Outros (número absoluto)
--------	---------	-----------------------	---------	-----------------------	------------	--------------------------

Esta tarde vi o médico da menina que atende a domicílio.	75.61%	62	24.39%	20	-	
Esta tarde vi a paciente do médico que atende a domicílio às terças e quartas.	6.09%	5	93.9%	77	-	
Conversamos com o professor do aluno que ensina muito bem.	70.73%	58	29.26%	24	-	
Conversamos com o filho do professor que ensina muito bem.	17.07%	14	82.93%	68	-	
Saulo acenou para o padre do povo que rezava.	29.27%	24	70.73%	58		
Matheus acenou para o povo do padre que rezava fervorosamente na igreja.	42.7%	35	54.9%	45	2.4	2

Fonte: a autora, 2016.

A escolha dessas sentenças se deu pela importância de seus dados quantitativos, pois na maioria dos casos a preferência por determinado antecedente ultrapassou 70%, bem como de suas estruturas constitutivas, pois, quando analisadas de forma comparativa, é possível perceber que há uma semelhança entre elas no que se refere à estrutura ambígua, mas possuem graus de informatividade distintos, o que pode ter influenciado na evocação dos *frames*.

5 Discussão dos dados: análises a partir da SF

Fillmore (1982) argumenta que as escolhas linguísticas que realizamos, seja na escrita ou na fala, são resultado de uma tentativa de induzirmos a uma interpretação específica. Esse é, de fato, um ponto importante quando tratamos de processos interpretativos, pois as sentenças que compõem nosso *corpus* foram pensadas por Dionizio *et al.* (2016) de forma a induzir os participantes a um caminho, o que não impossibilitou outras interpretações que buscaremos

contemplar nesta subseção. Desse modo, analisaremos seis sentenças divididas em três pares comparativos.

A seguir apresentamos o primeiro par de sentenças a ser analisado, sendo que logo abaixo de cada sentença destacamos o primeiro teste que busca evidenciar a ambiguidade estrutural da sentença. Nesse caso, o recurso utilizado é o teste pelas interrogativas. Esse texto foi proposto, inicialmente, por Raposo (1979).

(12)

a. Esta tarde vi o médico da menina [que atende a domicílio].

a'. [Quem foi que eu vi esta tarde?] [O médico da menina.]/ [Quem atende a domicílio?] [O médico da menina.]

a". [Quem foi que eu vi esta tarde?] [O médico da menina.]/ [Quem atende a domicílio?] [A menina.]

b. Esta tarde vi a paciente do médico que [atende a domicílio às terças e quartas].

b'. [Quem foi que eu vi esta tarde?] [A paciente do médico.]/ [Quem atende a domicílio às terças e quartas?] [A paciente do médico.]

b". [Quem foi que eu vi esta tarde?] [A paciente do médico.]/ [Quem atende a domicílio às terças e quartas?] [O médico.]

Para a representação do *frame* optamos por utilizar categorias mais amplas, com o objetivo de enquadrar os participantes conforme a interpretação. As categorias são: quem atende, quem é atendido e a circunstância do evento. A categoria “quem atende”, graças à ambiguidade estrutural da sentença, pode ser ocupada pelos antecedentes *médico*, *menina* ou *paciente*. No entanto, defendemos que nem sempre essas possibilidades foram consideradas pelos participantes, uma vez que, graças ao processo de conceptualização, essa categoria preferencialmente seleciona *médico* (profissional) em detrimento dos outros antecedentes – *paciente e menina*.

Além disso, segundo diferenciação descrita por Sampaio (2010), os elementos de *frame*, ou EFs, podem ser da ordem central e não central, sendo que esses últimos ainda se subdividem em periféricos e extra-temáticos. Tal divisão se relaciona, em certa medida, com nossas categorias, pois a categoria *circunstância* pode ser entendida também como um elemento de *frame* de ordem periférica, já que corresponde à lugar, modo ou tempo. Por outro lado, o verbo presente na sentença

encaixada pode ser considerado como um elemento central, pois é a partir dele, juntamente com os antecedentes, que a adequação a *frames* específicos é possível.

A seguir apresentamos o Quadro 1, no qual compactamos as quatro possibilidades interpretativas resultantes desse par, além da média final obtida para cada antecedente. As interpretações contidas no quadro são também paráfrases que servem como um segundo teste para evidenciar que se tratam de sentenças estruturalmente ambíguas.

Quadro 1 – Paráfrases interpretativas e percentuais de escolha pelos antecedentes no par de sentenças (12)

	Interpretação	Médico (%)	Menina (%)	Paciente (%)
Sentença a	a'. A pessoa que atende a domicílio e que eu vi esta tarde foi o médico da menina;	75.61%	24.39%	-
	b". A pessoa que eu vi esta tarde foi o médico da menina e ela atende a domicílio			
Sentença b	b'. A pessoa que eu vi esta tarde e que atende a domicílio às terças e quartas foi a paciente do médico;	93.9%	-	6.09%
	b". A pessoa que eu vi esta tarde foi a paciente cujo médico atende a domicílio às terças e quartas.			

Fonte: a autora, 2016.

Se voltarmos aos valores relativos aos julgamentos de preferência dos participantes para essas sentenças, perceberemos que houve uma expressiva inclinação ao antecedente *médico* nos dois casos: 75.61% para a sentença (a) e 93.9% para a sentença (b). Acreditamos que isso decorre do fato de que, comparativamente, *médico* é mais prototípico para esse tipo de evento, já que, segundo Fillmore (1982), um termo só poderá ser interpretado a partir das categorizações que envolvem o processo interpretativo e que são motivadas por determinadas situações experienciadas por aquele que interpreta (FILLMORE, 1982, p.112).

Dados os modos de conceptualização e categorização que o falante lança mão no momento de interpretar sentenças como as que compõem o par (12), os resultados significativos de preferência pelo antecedente *médico* parecem ser um reflexo disso, já que, como dissemos, *médico* é mais prototípico que *menina* e *paciente* no que se refere a uma posição de “aquele que atende”. É comum que em nossa sociedade ocorra o oferecimento de atendimentos domiciliares, inclusive atendimento domiciliar por profissionais da saúde, como é o caso de *médico*. Dessa forma, é

possível que um antecedente como *enfermeira* concorresse significativamente com *médico*, pois a conceptualização nesse caso permite uma aproximação desses antecedentes, uma vez que a função-social de ambos se assemelha.

No que se refere aos antecedentes *menina* e *paciente*, os percentuais também são dignos de análises: no caso de *menina*, a preferência corresponde a 24.39%, enquanto no de *paciente*, 6.09%. Tal diminuição pode estar associada ao fato de que, em um *frame* que corresponde a um evento de *atendimento*, a presença do antecedente *médico* pode ter evocado um tipo de atendimento mais específico: atendimento de saúde, o que justifica, inclusive, sua massiva preferência. Diante disso, *paciente* não é prototipicamente categorizado como “quem atende”, mas sim como “quem é atendido”.

O mesmo passa com *menina*, só que em intensidade mais amena, porque *menina* é um termo mais geral que *paciente* e, no caso deste, a função-social que é categorizada já está especificada como quem recebe atendimento. Dito de outra forma, no caso de *menina*, a conceptualização não especifica uma função-social, o que repercute na possibilidade de interpretá-la também como uma profissional que oferece seus serviços a domicílio, como acontece no setor estético, por exemplo. Como consequência, é possível que os resultados interpretativos fossem diferentes se tivéssemos um antecedente como *manicure*, uma vez que, nesse caso, há uma especificação de função-social que permite enquadrá-lo na categorização de “quem atende”, pois se trata de uma profissional que oferece serviços também a domicílio. Diante disso, acreditamos que a ambiguidade poderia ser mais facilmente identificada com *médico* e *manicure*, já que ambos têm sua função-social especificada a partir de uma mesma categoria.

No entanto, os resultados tão expressivos em favor de *médico* evidenciam a possibilidade de que o *frame* evocado a partir desse par de sentenças seja, de fato, um *frame* de evento de atendimento de saúde e, por isso, esteja impactando mais que a possibilidade de diferentes leituras da estrutura sintática, o que permite questionar se são de fato sentenças ambíguas no que se refere à semântica e ao campo interpretativo.

Diante disso, apresentamos agora outro par de sentenças que analisaremos com os seus respectivos testes e análises.

(13)

a. Conversamos com o professor do aluno [que ensina muito bem].

a'. [Com quem conversamos?] [Com o professor do aluno.]/ [Quem ensina muito bem?] [O professor do aluno.]

a". [Com quem conversamos?] [Com o professor do aluno.]/ [Quem ensina muito bem?] [O aluno.]

b. Conversamos com o filho do professor [que ensina muito bem].

b'. [Com quem conversamos?] [Com o filho do professor.]/ [Quem ensina muito bem?] [O filho do professor.]

b". [Com quem conversamos?] [Com o filho do professor.]/ [Quem ensina muito bem?] [O professor.]

Para cada sentença há duas possibilidades de interpretação, como ocorreu no caso analisado anteriormente. A seguir apresentamos o Quadro 2 que compacta as diferentes interpretações possíveis para a sentença, que servem também como teste de ambiguidade, bem como os percentuais de preferência em relação a cada antecedente nas duas sentenças.

Quadro 2 – Paráfrases interpretativas e percentuais de escolha pelos antecedentes no par de sentenças (13)

	Interpretação	<i>Professor</i> (%)	<i>Aluno</i> (%)	<i>Filho</i> (%)
Sentença a	a'. A pessoa com quem conversamos e que ensina muito bem é o professor do aluno;	70.73%	29.26%	-
	b". A pessoa com que conversamos é o professor cujo aluno ensina muito bem;			
Sentença b	b'. A pessoa com quem conversamos e que ensina muito bem é o filho do professor;	82.93%	-	17.07%
	b". A pessoa com quem conversamos é o filho cujo pai é professor e ensina muito bem.			

Fonte: a autora, 2016.

As duas sentenças que compõem o par (13) tiveram uma preferência regular pelo antecedente *professor*, correspondendo a porcentagens de 70.73% no primeiro caso e 82.93% no segundo. Por outro lado, é interessante observar que há uma “elevação” de (a) para (b) e, se observarmos os “concorrentes” do antecedente *professor*, encontraremos uma possível justificativa para essa diferença: *filho*, segunda sentença, parece ser menos prototípico do que *aluno* em uma sequência com o verbo *ensinar*, que nesse caso possibilita e evocação de um *frame* específico de

ensino formal no qual *professor* e *aluno* são participantes regulares, sendo o primeiro normalmente categorizado como “quem ensina” e o segundo como “quem rebe o ensinamento”.

No que diz respeito à interpretação global da sentença, Fillmore (1982, p.122) defende que esta não nos dá todas as informações de forma direta e, por isso, é necessário que computemos algumas das construções pertencentes à sua estrutura para chegarmos ao “sucesso” interpretativo, utilizando para isso o próprio inventário de que dispomos para que possamos construir as relações entre os referentes expressos na sentença. No entanto, como pondera o autor, isso não é tão simples, pois inclui um processo complexo e motivado a partir de toda palavra nele enquadrada.

Dessa forma, a interpretação comparativa dos itens lexicais *aluno* e *filho* pode ter resultado na diferença quantitativa que já mencionamos, pois o falante, ao se deparar com as duas sentenças, ainda que sem relacioná-las diretamente, possivelmente ativou *frames* intermediários em cada uma – considerando a necessidade de compreender todos os *frames* relacionados ao central e a sua sequencialidade, uma vez que, segundo Fillmore (1982), a compreensão de um *frame* dá-se a partir da compreensão dos outros *frames* a ele associados – além da sentença de forma global. Ao fazer isso, é possível que tenha percebido a diferença entre dizer que “o aluno do professor ensina muito bem” e “o filho do professor ensina muito bem”.

Por outro lado, a preferência majoritária e expressiva por *professor* em detrimento de *aluno* e *filho* nos dois casos deve ser analisada de forma mais específica, pois é esse tipo de preferência que nos faz acreditar que, mesmo com a estrutura sintática ambígua, essas sentenças não foram julgadas assim pelos informantes. O verbo *ensinar* pode ser utilizado em muitas ocasiões, incluindo o ensino formal e o informal. No entanto, a presença do antecedente *professor* possivelmente induziu o falante a uma interpretação para o cenário formal, no qual é difundida culturalmente a ideia de que o *professor* é aquele que ensina, conforme mencionamos.

Ou seja, defendemos que houve uma ativação (nas palavras de Fillmore, evocação) de um *frame* a partir do antecedente *professor*, pois “Um *frame* é evocado no texto se alguma forma linguística ou padrão é convencional associada ao *frame* em questão¹⁴” (FILLMORE, 1985, p. 232). Diante disso, reiteramos a importância de se analisar o processo interpretativo dessas sentenças sob o olhar semântico, pois a ambiguidade estrutural parece não se manter quando há a evocação de um *frame* por uma forma linguística.

¹⁴ Tradução livre, no original: “A frame is evoked by the texto if some linguistic form or pattern is conventionally associated with the frame in question” (FILLMORE, 1985, p. 232)

Outro ponto que deve ser observado trata-se do que Fillmore (1982, p.129) chama de “frames para avaliar”¹⁵, ou seja, de *frames* que se relacionam à atribuição de valor. No caso das sentenças analisadas, há a presença de um adjunto adverbial de modo [muito bem] que intensifica e caracteriza o verbo *ensinar*. Além disso, os processos de conceptualização e de categorização repercutem também na especificação da função-social do antecedente *professor* que, graças a sua atividade profissional, pode, e o é muitas vezes, avaliado por isso. Dessa forma, a avaliação da atividade profissional de um antecedente *professor* é mais prototípica de que uma avaliação dessa natureza com antecedentes *filho* e *aluno*, uma vez que soa inovador e menos prototípico uma expressão como “o filho que ensina muito bem”. O mesmo acontece com o *aluno*, uma vez que, graças aos processos de categorização, sua função-social se relaciona com receber instrução, ensinamentos, assistir a aulas etc.

O último par de sentenças que analisaremos se difere dos dois anteriores porque não houve uma prevalência de um dos antecedentes nas duas sentenças.

(14)

a. Saulo acenou para o padre do povo [que rezava].

a'. [Para quem Saulo acenou?] [Para o padre do povo.]/ Quem rezava? [O padre do povo.]

a". [Para quem Saulo acenou?/] [Para o padre do povo.]/[Quem reza?] [O povo.]

b. Matheus acenou para o povo do padre [que rezava fervorosamente na igreja].

b'. [Para quem Matheus acenou?] [Para o povo do padre.]/ [Quem rezava fervorosamente na igreja?] [O povo do padre.]

b". [Para quem Matheus acenou?] [Para o povo do padre.]/ [Quem rezava fervorosamente na igreja?] [O padre.]

Quadro 3 – Paráfrases interpretativas e percentuais de escolha pelos antecedentes no par de sentenças (14)

	Interpretação	<i>Padre</i> (%)	<i>Povo</i> (%)	<i>Os dois</i> (%)
Sentença a	a'. A pessoa para quem Saulo acenou e que rezava era o padre do povo;	29.27%	70.73%	-
	b". A pessoa para quem Saulo acenou era o padre cujo povo rezava;			

¹⁵ Tradução livre, no original: “Frame for evaluation” (FILLMORE, 1982, p. 129)

Sentença b	b'. As pessoas para as quais Matheus acenou e que rezavam fervorosamente na igreja eram o povo do padre;	54.9%	42.7%	2.4%
	b". As pessoas para as quais Matheus acenou eram o povo cujo padre rezava fervorosamente na igreja.			

Fonte: a autora, 2016.

No caso desse par de sentenças, há uma alternância na preferência do antecedente: na sentença (a), 70.73% dos participantes optaram pelo antecedente *povo*, enquanto na sentença (b), a preferência correspondeu a 54.9% pelo antecedente *padre*. Tal situação, aliada à presença de 2.4% de respostas que fugiram do esperado – “os dois” – demonstra que esse par de sentenças pode ser considerado o mais ambíguo de todo o *corpus*.

De maneira geral, isso pode ser explicado sob a luz da SF, pois, como postula Fillmore (1985), existem certas palavras que são estruturadas a partir de um enquadramento unificado do conhecimento, ou mesmo de uma categorização coerente da experiência. Dito de outra forma, no caso dos antecedentes *povo* e *padre*, dado o *frame* evocado e os processos de conceptualização, os dois parecem ser prototípicos nesse caso, o que justifica a alternância na escolha.

Além disso, o autor chama a atenção para a importância da atribuição de significado por parte do interpretante, pois “Um *frame* é evocado quando o interpretante, na tentativa de atribuir sentido a um segmento do texto, é capaz de atribuir uma interpretação da situação e seu conteúdo a partir de um padrão que é conhecido independente do texto”¹⁶ (FILLMORE, 1985, p.232). No caso desse par de sentenças, a ideia de religiosidade é expressa pela forma linguística *rezar*. No entanto, é necessário que o interpretante utilize um conhecimento que está além do texto para que as sentenças correspondam a um ou mais sentidos.

No caso que estamos a analisar, por exemplo, a ideia de “povo de deus”, ainda muito difundida por certas religiões cristãs, pode ter sido acionada pelos participantes, o que explica a efetiva escolha pelos dois antecedentes nesse par de sentenças. Além disso, os dois antecedentes podem ter sido reconhecidos como prototípicos para esse *frame*, como já mencionamos, ou seja, a função-social expressada pelos dois antecedentes nesse par se assemelha: tanto o *padre*, condutor religioso da assembleia, quanto a própria assembleia religiosa, nesse caso expressada pela forma linguística *povo*, podem rezar, ou ainda, rezar fervorosamente na igreja.

¹⁶ Tradução livre, no original “A frame is invoked by the interpreter, in trying to make a sense of the text segment, is able to assign it an interpretation by situating its content in a partter that is know independetly of the text.” (FILLMORE, 1985, p. 232)

Outro fator que nos leva a considerar esse par como o mais ambíguo do *corpus* é o fato de que alguns participantes responderam diferentemente das hipóteses iniciais, uma vez que não optaram nem por *padre*, nem por *povo*, mas pelos *dois*, e essa resposta, correspondendo a 2,4%, representa no processo de conceptualização um “encaixe” na mesma categoria.

Por fim, uma outra diferença que deve ser pontuada refere-se à forma linguística *rezar*, pois esta não seleciona obrigatoriamente um argumento interno (ou objeto, segundo a gramática tradicional), enquanto *atender* e *ensinar* sim, pois quem atende, atende a alguém e quem ensina, ensina a alguém. Nesse processo de conceptualização, a diferença é crucial: com *atender* e *ensinar*, os dois antecedentes “concorrem” à posição em categorias diferentes (“quem ensina” e “quem é ensinado” ou “quem atende” e “quem é atendido”) o que não acontece com *rezar*, pois a categoria é uma só, “quem reza”.

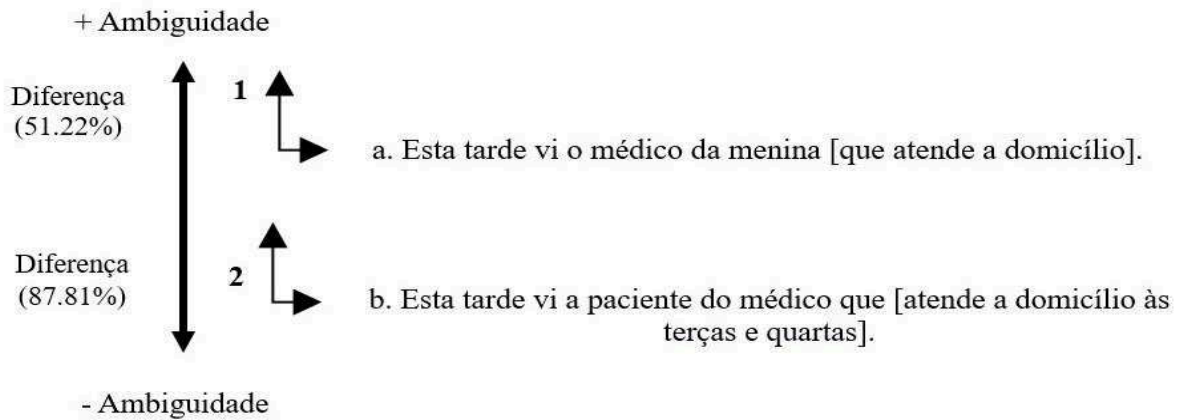
5.1 Representação escalar dos julgamentos de ambiguidade

Consideradas as análises dos pares de sentenças (12), (13) e (14), chegamos à identificação dos graus de ambiguidade estabelecidos comparativamente, e consideramos relevante explicitar as diferenças quantitativas e de interpretação dessas a partir da construção de escalas. Inicialmente, buscaremos apresentar escalas intermediárias, ou seja, uma escala comparativa para cada par de sentenças. Na sequência, compactaremos uma escala geral que busca englobar todas as seis sentenças dos três pares.

Para a construção de nossas escalas, utilizaremos os dados quantitativos resultantes dos julgamentos nas sentenças, considerando a diferença entre os percentuais de preferência por determinado antecedente. Por exemplo, a sentença (12a) apresenta os percentuais de 75.61% para *médico* e 24.39% para *menina*, e a diferença entre esses dois percentuais (75.61%-24.39%) corresponde a 51.22%. Quanto maior essa diferença, menos ambígua é sentença, uma vez que apresenta uma preferência mais absoluta em relação a um dos antecedentes em detrimento do outro.

A seguir apresentamos a Figura 2, a qual sintetiza as diferenças calculadas para as duas sentenças, bem como sua colocação dentro da escala, considerando para isso dois eixos que variam do que estamos chamando de +Ambiguidade para –Ambiguidade.

Figura 2 – Escala de ambiguidade a partir do par de sentenças (12)

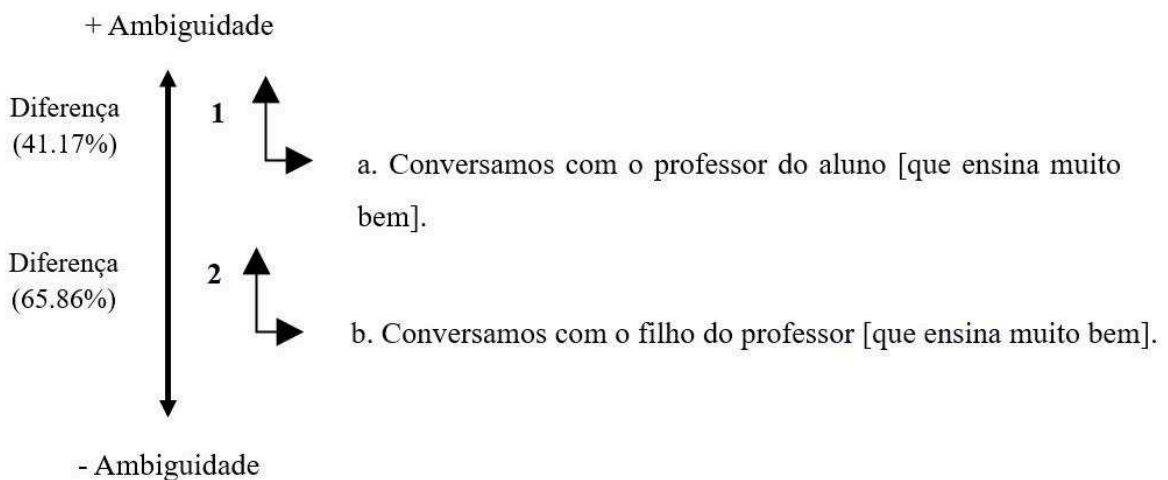


Fonte: a autora, 2016.

Essa primeira escala construída evidencia o que problematizamos anteriormente, sendo que a sentença (12b) caracteriza-se como a menos ambígua do par de sentenças por apresentar uma diferença significativa de preferência de um antecedente *médico* em detrimento de *paciente*, correspondendo a uma diferença de 87.81%, resultante da operação de diminuição entre o percentual de preferência por *médico*, 93.9% e *paciente*, 6.09%.

A seguir apresentamos a Figura 3, a qual apresenta a segunda escala intermediária com os dados do par de sentenças (13).

Figura 3 – Escala de ambiguidade a partir do par de sentenças (13)



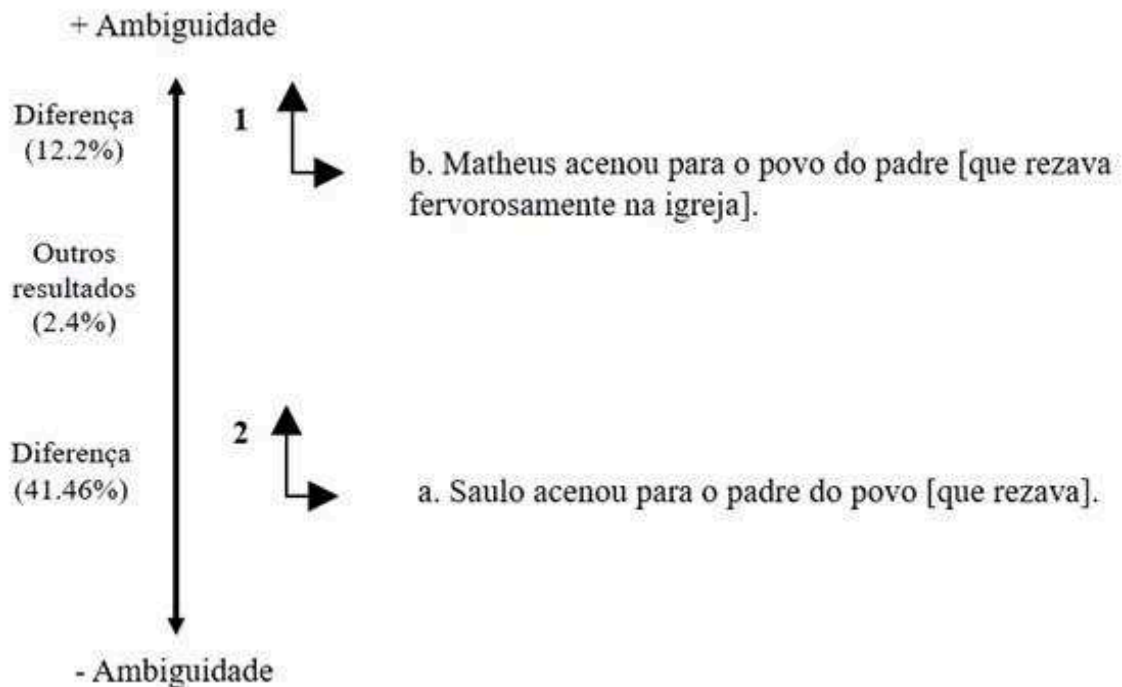
Fonte: a autora, 2016.

Nesse caso que acabamos de apresentar, o maior grau de ambiguidade se apresenta quando os antecedentes *professor* e *aluno* estão em “concorrência”. Tal situação pode ser entendida, como já dissemos, a partir do *frame* evocado que nesse caso não marca a função-social ocupada pelo antecedente *filho*, segunda sentença, o que o distancia ainda mais da função prototípica ocupada por *professor*.

Finalmente, encerramos essa primeira parte das escalas com o último par de sentenças que, como mencionamos durante as análises, consideramos o mais ambíguo de todo o *corpus*. É importante salientar que a variável “diferença” na sentença (13b) – mais ambígua – apresenta uma particularidade, pois incluiremos a porcentagem de falantes que se negaram a optar por um só antecedente, preferindo fornecer “os dois” como resposta. Esse indício é, de fato, muito importante para que entendamos o grau de ambiguidade dessa sentença.

Segue abaixo a Figura 4 que apresenta essas variações de diferenças verificáveis nessa escala.

Figura 4 – Escala de ambiguidade a partir do par de sentenças (14)

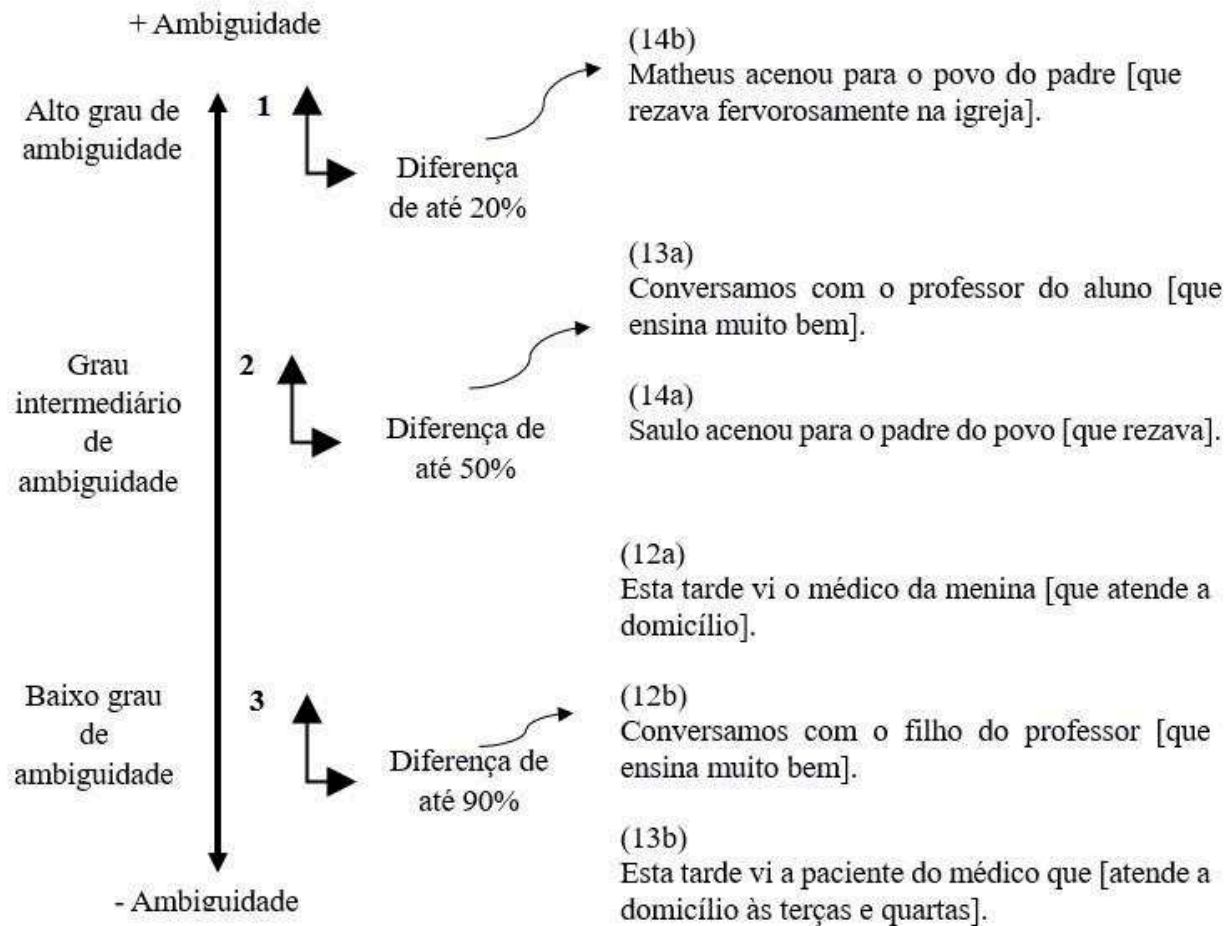


Fonte: a autora, 2016.

Nesse último par de sentenças é que encontramos a sentença mais ambígua e, por isso, a que apresenta a menor diferença quantitativa percentual – 12.2% – sendo que esse par apresentou uma alternância na escolha dos atendentes, o que também se configura como um forte indício para ser considerado o dado mais ambíguo, uma vez que diante da sentença muitos participantes não lograram nem mesmo optar por um dos antecedentes, alternando a escolha ou oferecendo uma interpretação diferenciada, “os dois”.

A escala que segue (Figura 5) engloba todas as sentenças que compõem o *corpus* e construímos nela três pontos gradativos de ambiguidade, considerando as diferenças percentuais observadas nas escalas anteriores. Dessa forma, os pontos que utilizaremos são: “Alto grau de ambiguidade”, que corresponde à diferença de até 20%; “Grau intermediário de ambiguidade”, até 50%; e “Baixo grau de ambiguidade”, até 90%. Esses valores foram definidos pelo parâmetro numérico distintivo resultante dos julgamentos do QJ para as seis sentenças analisadas.

Figura 5 – Escala de ambiguidade a partir das seis sentenças que compõem o *corpus*.



Fonte: a autora, 2016.

De maneira geral, essa última escala permite verificar que apenas uma sentença pode ser considerada como altamente ambígua, e que mais da metade das sentenças analisadas nesse *corpus* foram caracterizadas com baixo grau de ambiguidade segundo nossos critérios. Tais elementos, assim dispostos, corroboram nossa hipótese inicial de que, ainda que estruturalmente ambíguas, algumas sentenças não foram assim consideradas graças à evocação de *frames* pelos falantes e aos processos de conceptualização e de categorização envolvidos na atividade interpretativa.

6 Considerações finais

Diante dos dados apresentados, do referencial teórico que abordamos (principalmente no que se refere à SF) e das análises propostas nesta pesquisa, acreditamos que fica evidente que a estrutura sintática ambígua das sentenças aqui analisadas não foi suficiente para a identificação

dessa ambiguidade pelos participantes. Consideramos, também, que essa não identificação de ambiguidade é consequência direta da evocação de *frames* a partir de formas linguísticas específicas, ou ainda dos próprios participantes.

Além disso, parece-nos relevante salientar que a natureza dos verbos também pode ter influenciado nesse processo, uma vez que há casos em que o verbo seleciona dois argumentos, como é o caso de *atender* e *ensinar*, e outros em que seleciona apenas um, como é o caso de *rezar*. Diante disso, o processo de conceptualização e categorização é um pouco distinto, uma vez que, quando há necessidade de dois argumentos, os antecedentes podem ser alocados em categorias distintas, o que não acontece com o *rezar*, pois com ele há apenas uma categoria e os antecedentes “concorrem” a ela, o que justifica, inclusive, o fato de a sentença mais ambígua ter sido formada com esse verbo.

Diante disso, ao concluirmos este trabalho percebemos que foi possível atendermos aos objetivos iniciais da pesquisa, pois analisamos a possível ativação de *frames* no processo interpretativo de sentenças estruturalmente ambíguas. Além disso, observamos que nossas hipóteses iniciais se confirmaram, uma vez que percebemos, a partir do julgamento dos falantes, que algumas sentenças possuem um baixo grau de ambiguidade, consequência dos processos de categorização e de conceptualização envolvidos na evocação dos *frames*. Por outro lado, logramos construir as escalas comparativas entre as sentenças e, finalmente, acreditamos que a pergunta de pesquisa foi respondida, já que analisamos as escolhas dos falantes a partir do referencial teórico da SF.

Referências

- BRAME, M. *A new analysis of the relative clause: evidence for an interpretive theory*. MIT, Cambridge, Mass, 1968.
- CHOMSKY, N. On wh-movement. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (orgs.) *Formal syntax*. Nova York: Academic Press, 1977.
- CUETOS, F.; MITCHELL, D.C. Cross Linguistic differences in parsing: Restrictions on the use of the Late Closure strategy in Spanish. *Cognition*, v.30, 1988, p.73-105.
- DIONIZIO, A. R *et al.* *Processamento de sentenças ambíguas no português brasileiro*. Chapecó: UFFS, 2016. 32 p. (Relatório científico).
- FERRARI, L. O que é Linguística Cognitiva. In: Referência: FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 13-28.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. In The Linguistic Society of Korea. (org) *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.
- _____. Frames and the semantics of understandig. *Quaderni di Semantica: Rivista Internazionale di semantica teorica e applicata*, v. 7, n. 2, 1985. p.222-254.
- FILLMORE, C.; JOHNSON, C.; PETRUCK M. Background to Framenet. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3. Oxford University Press, 2003.
- FINGER, I.; ZIMMER, M.C. A preferência de interpretação de orações relativas curtas e longas no português brasileiro. In: MAIA, M.; FINGER, I. *Processamento da linguagem: Série Investigações em Psicolinguística GT de Psicolinguística da ANPOLL*. Pelotas: Educat, 2005. p.111-129.
- FRAZIER, L. *On comprehending sentences: Syntactic parsing strategies*. Tese de Doutorado. University of Connecticut (reproduzida por: Indiana University Linguistics Club), 1979
- FRAZIER, L.; RAYNER, K. Making and correcting errors during sentence comprehension: Eye movements in the analysis of structurally ambiguous sentences. *Cognitive Psychology*, v.14, 1982. p.178-210.
- KENEDY, E. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Cap. 1.
- KATO, M. A. Recontando a história das relativas. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 223-261.

KATO, M.A.; NUNES, J. *A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese*. Encontro do Projeto Temático. SP: USP, 2007.

_____. Uma análise unificada dos três tipos de restritiva do português brasileiro. *Sociodialeto*, Campo Grande, p.575-590, maio 2014. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/01062014015120.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

LENZ, P. Semântica Cognitiva. In: FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. (Org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-55.

LOURENÇO-GOMES, M. C.; MAIA, M.; MORAES, J. Prosódia implícita na leitura silenciosa: um estudo das orações relativas estruturalmente ambíguas. In: MAIA, M.; FINGER, I. *Processamento da linguagem: Série Investigações em Psicolinguística GT de Psicolinguística da ANPOLL*. Pelotas: Educat, 2005. p. 131-161.

MAIA, M.; FINGER, I. *Processamento da linguagem: Série investigações em Psicolinguística GT de Psicolinguística da ANPOLL*. Pelotas: Educat, 2005.

MARCHESAN, A. C. *As relativas livres no português brasileiro*. 2012. 227 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Cap. 1. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/100448/311584.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

OLIVEIRA, A. S. C. L. de. *As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição*. 2008. 188 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Cap. 1.

RIBEIRO, A. J. C. Late closure em parsgin no português do Brasil. In: MAIA, M.; FINGER, I.: *Processamento da linguagem: Série Investigações em Psicolinguística GT de Psicolinguística da ANPOLL*. Pelotas: Educat, 2005. p. 51-69.

RIBEIRO, I.; FIGUEIREDO, C. Relativas. In: LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (Org.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: Edufba, 2009. p. 208-240. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/48/pdf/lobo-9788523208882-07.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

ROSS, J. *Constraints on variables in syntax*. Cambridge: MIT Press, 1967.

SAMPAIO, T. F. *A família de construções de argumento cindido no português do Brasil*. 2010. 152 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. Enacción: la cognición corporizada. In: VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *De cuerpo presente: las ciencias cognitivas y la experiencia humana*. 2. ed. Barcelona: Gedisa, 2007. p. 174-211.

TARALLO, F. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Tese (Doutorado), Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia, 1983.

RESUMEN Este trabajo discute el proceso interpretativo y de identificación, o no, de ambigüedad en oraciones estructuralmente ambiguas a partir de la Semántica de Frames. De esa forma, el referencial teórico que nos ha auxiliado se relaciona a la Lingüística Cognitiva, más específicamente a la Semántica de Frames, teorizada inicialmente por Fillmore (1982, 1985), además de nombres importantes de la subárea de la Psicolingüística, intitulada Procesamiento de Oraciones, y de autores que dedican sus esfuerzos a las discusiones relacionadas a los mecanismos de relativización en el portugués brasileño. Uno de nuestros objetivos con la construcción de este trabajo es el de describir y analizar el proceso interpretativo de oraciones que fueran utilizadas en una búsqueda previa, además de construir escalas de ambigüedad a partir de los análisis de esas oraciones. La metodología que fue utilizada para la realización de este trabajo lleva en cuenta, inicialmente, los métodos aplicados en la pesquisa previa, una vez que se trata de la aplicación de un experimento, así como la construcción de nuestros análisis y de las escalas que siguen. Los resultados apuntan para una no identificación de ambigüedad por los hablantes, aunque tengan sido juzgadas oraciones estructuralmente ambiguas. Tal situación puede ser comprendida como resultado de una evocación de *frames* a partir de formas lingüísticas específicas, como verbos, sustantivos, o del propio interpretante. En los dos casos, sin embargo, consideramos que hubo la interferencia de los procesos de conceptualización y de categorización abordados por la Lingüística Cognitiva. Además de eso, la Semántica de Frames considera que los procesos interpretativos, sean del orden del habla o de la escritura, son llenos de juzgamientos que involucran las situaciones conocidas por lo que interpreta, hecho que nos ayuda a comprender también esa no identificación de ambigüedad, una vez que las situaciones sociales y culturales vivenciadas por los participantes pueden ser llevadas a interpretaciones específicas.

PALABRAS CLAVE: Ambigüedad Estructural. Semántica de Frames. Interpretación de Oraciones Ambiguas.